

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte Correio Brasileiro Class.: AM - militares  
 Data 20.04.89 Pg.: 16 11

# Leônidas: "É justo trocar uma árvore por um homem?"

4468  
 Brasília — É justo trocar uma árvore por um homem? Esta indagação serviu ontem de argumento para o Ministro do Exército, Leônidas Pires, contestar o que entende serem críticas desprovidas de base científica contra a ocupação da Amazônia. Ele repudiou os dois procedimentos extremos, a intocabilidade e a devastação da região, reiterando que o governo não abrirá mão da soberania da área, "hoje cobrada por muitos pela enorme quantidade de riquezas que contém".

Durante duas horas, Leônidas Pires falou no Seminário Parlamentar sobre a Amazônia, promovido pela comissão de Relações Exteriores da Câmara. Ele se referiu didaticamente aos principais pontos dos cinco milhões de quilômetros quadrados da Amazônia legal, dando mais ênfase à manobra geopolítica interna de ocupação e os mitos e verdades científicas existentes sobre a área.

Os cinco debatedores inscritos não se opuseram às suas teses, limitando-se a expor a preocupação com a situação das nações indígenas e as acusações feitas contra o governo no âmbito internacional. Também concordaram quanto ao temor de que o tráfico de droga se desloque da Colômbia, por força da repressão existente naquele País, para a Amazônia. Leônidas não descartou esta hipótese, apesar de considerá-la remota pelas dificuldades de acesso ao local. "A Colômbia tem saída por dois oceanos. É mais fácil sair por lá do que criar um complexo na região brasilei-

ra", disse respondendo aos deputados Maurílio Ferreira Lima (PMDB-PE) e Amary Muller (PDT-RS).

O ministro contestou a denúncia feita em Tóquio por defensores do meio ambiente norte-americano, de que o Japão estaria financiando a abertura de uma estrada, a 364, ligando o Acre ao Peru, às escondidas da população brasileira. Ele assegurou que "o Exército nada faz às escuras", tendo a afirmação — transmitida pelo deputado Amaury Muller — demonstrativa do medo de que os grãos produzidos no Brasil cheguem ao Pacífico e daí para a Ásia, pesando na concorrência dos demais produtores.

O Ministro do Exército reconheceu que há sérios desafios a vencer para levar adiante o processo de humanização e desenvolvimento da Amazônia. Isto se prende, sobretudo, no que diz respeito à defesa dos sistemas ecológicos naturais e à incorporação de técnicas agrícolas adequadas aos trópicos úmidos.

— Isto, entretanto, não pode servir de empecilho para a utilização da região. Manter a Amazônia intocada, qual um santuário da natureza, é um absurdo que somente pode povoar a imaginação de sonhadores ou de quem não tem compromisso com o futuro de nosso País e de nosso povo", afirmou.

Disse, ainda, que considera fora de propósito ignorar a existência dessa imensa região a ser aproveitada, enquanto milhões de brasileiros vivem miseravelmente, sem conseguir obter as condições mínimas para uma vida digna.

mas para uma vida digna.

### NÃO RESPEITÁVEL

Ao responder o deputado Maurílio Ferreira Lima sobre a situação dos indígenas, Pires disse que o governo seguirá os preceitos constitucionais, que preservam o seu meio-ambiente, além de acelerar a demarcação das terras. Mas que considera que os índios brasileiros não têm "a vida cristalina de um Tarzan. A cultura é baixa e não é respeitável". Mais tarde, quando questionado pelos repórteres, disse que havia se referido ao "balco" nível de vida levado pelos índios, desprovidos de meios reais de existência. "O governo seguirá a Constituição. Mas quem conhece os índios como eu, e digo isto por mim mesmo, prefere tê-los mais próximos da civilização. Considero uma impiedade deixar os índios longe da civilização".

Leônidas Pires contestou as denúncias de que a Amazônia estaria sujeita a desertificação. afirmou que não há evidência científica que comprove isto, observando-se, ao contrário, um rápido poder de regeneração das áreas atingidas. "Há, é verdade, o perigo de degradação do solo, mas apenas nos locais em que a floresta for trabalhada sem o apoio da tecnologia agrônômica pertinente, concordou.

Também foi contra a situação da Amazônia como "pulmão do mundo", alegando que o oxigênio produzido pela floresta durante o dia, é consumido por ela própria à noite.



Leônidas no Congresso; a Amazônia é cobrada por muitos pela riqueza que contém

## Yanomani denuncia descaso e devastação

O Executivo e o Legislativo deram mostras, ontem do Dia do Índio, de profundas divergências na questão do meio-ambiente. Ganador de prestigiado Prêmio Global 500, concedido pela ONU a quem se destaca na luta pela defesa da natureza, o índio Davi Yanomami subiu a tribuna da Câmara para denunciar o descaso do Governo para com os índios e a destruição de rios, florestas e bichos. Em troca, ganhou do vice-presidente do Senado, senador Ivan Saralva, um elogio: "Ele é um símbolo de resistência, que trilha o mesmo caminho de Chico Mendes". Já a menos de 50 metros dali, no auditório Nereu Ramos, da Câmara, o ministro do Exército, Leônidas Pires, não poupava críticas ao líder indígena: "Ele está fazendo charmeiro".

### PIORANDO

Davi Yanomami disse que "o governo fala que está melhorando o Brasil, mas tá é piorando cada vez mais", e pediu a retirada dos garimpeiros já. Davi estava com o rosto pintado de vermelho, o que para os Yanomami é um sinal de alegria, mas é possível que pintasse de preto, sinal de raiva. Se ouvisse o que o Leônidas Pires pensa da retirada dos garimpeiros do território Yanomami.

"Como é que se tira 40 mil pessoas de um lugar", perguntou o ministro aos repórteres, para, logo em seguida, ele próprio, responder. "É impossível". Leônidas disse que os garimpeiros estão disseminando na floresta, em centenas de frentes. "E tem mais, quem é que disse que a sociedade de Roraima quer tirar os garimpeiros de lá se chegam em Boa Vista 20 quilos de ouro todo

rimpeiro invadindo nossa terra, em Roraima. O branco está destruindo nossos rios, desmatando nossas florestas, matando nossa caça e nossos peixes. Já tem três rios grandes (Uruikeri, Makajai e Katri-mani) estragados, poluídos", denunciou Davi Yanomami.

Davi Yanomami disse que "o governo fala que está melhorando o Brasil, mas tá é piorando cada vez mais", e pediu a retirada dos garimpeiros já. Davi estava com o rosto pintado de vermelho, o que para os Yanomami é um sinal de alegria, mas é possível que pintasse de preto, sinal de raiva. Se ouvisse o que o Leônidas Pires pensa da retirada dos garimpeiros do território Yanomami.

"Como é que se tira 40 mil pessoas de um lugar", perguntou o ministro aos repórteres, para, logo em seguida, ele próprio, responder. "É impossível". Leônidas disse que os garimpeiros estão disseminando na floresta, em centenas de frentes. "E tem mais, quem é que disse que a sociedade de Roraima quer tirar os garimpeiros de lá se chegam em Boa Vista 20 quilos de ouro todo



David: defendendo o povo da floresta na Câmara

dia? Sejam realistas, não vivam de fantasias", ironizou.

Enquanto isso, David Yanomami criticava o projeto Calha Norte que tem entre seus expoentes exatamente o ministro do Exército — pela redução do território Yanomami que, de acordo com portaria interministerial de 13 de setembro do ano passado, seria demarcado em 8 milhões 216 mil 925 hectares de área contínua. Dois meses depois, no entanto, uma nova portaria, revogando a anterior, dividia o território em 19 pequenas ilhas, isoladas uma das outras, criando o chamado "arquipélago Ya-

nomami". "Essa idéia do arquipélago de áreas indígenas é firmemente repudiada pela comunidade científica, que considera o território contínuo essencial para a sobrevivência física e cultural dos Yanomami. Ao rever sua posição, o Governo Federal fez tábuas de estudos científicos e de atitudes administrativas neles apoiadas", criticou o senador Severo Gomes. "Eles só querem dar pra nós pedacinho de terra, do tamanho de chiqueirinho de galinha. Nós caçamos muito longe, 10, 20, 30Km. Nós precisamos de terra grande", confirmou David Yanomami.

## Alves critica países desenvolvidos

"A quem interessa impedir o Desenvolvimento do Brasil? A pergunta, do ministro do Interior, João Alves, em depoimento na Comissão Parlamentar de Inquérito do Senado sobre a Amazônia, foi lançada ontem, para esclarecer as pressões que o país vem sofrendo em relação a Amazônia.

O ministro enfatizou os esforços do governo federal para proteger o meio ambiente na Amazônia, citando medidas práticas, já tomadas, como a suspensão de incentivos fiscais em regiões não propícias à agropecuária, exportação de madeiras e toras e proibição do uso de mercúrio.

Jão Alves ressaltou a "cobiça internacional", manifestada ao longo dos séculos em tentativas infrutíferas de ocupação da Amazônia. Reconheceu erros do passado e do presen-

te, destacando, porém, o empenho do governo em corrigi-los e evitar que outros venham a ser cometidos.

Segundo o ministro, trata-se, na verdade, da maior pressão econômica internacional deste século, através da qual, procura-se abrigar "interesses escusos" na nobre causa da ecologia.

Para o futuro, o ministro João Alves acredita que é preciso haver a conciliação do desenvolvimento econômico com a preservação ecológica, através de ocupação racional e do zoneamento agroecológico, já concluído em Rondônia e que permitirá a identificação de vocação, área por área, nas diversas regiões que compoem a Amazônia.

Sobre a propostas vinculando e "perdão parcial da dívida externa brasileira à preservação da Amazônia,

João Alves afirmou que "tudo não passa de poesia". As propostas recebidas são de empréstimos a juros de mercado.

"O Brasil começa a preocupar pela disponibilidade de terras férteis e pela competitividade que se delineia, por exemplo, com o crescimento da produção de soja, além do seu grande potencial de energia", o maior do mundo, na Amazônia, quando outros países já esgotaram o que tinham, disse Alves.

O ministro disse também que as nações que no passado invadiram, ocuparam ou ameaçaram invadir e tomar a Amazônia, "para explorá-la em nome do bem da humanidade", hoje dizem que o Brasil deve abrir mão de sua soberania para que a região seja preservada como um novo "Jardim do Eden". "Esta atitude é hipócrita" disse Alves.